

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: Ilha de Goiás Class.: 67

Data: 10/06/80 Pg.: _____

Casaldáliga denuncia genocídio do karajá

Visando fazer chegar à nível nacional as reivindicações de dois grupos oprimidos, o índio e o sertanejo da Ilha do Bananal, reúne-se hoje em Brasília, a partir das 20 horas, na sede da Ascad, a Comissão "Ilha do Bananal". O movimento, idealizado por Dom Pedro Casaldáliga, integrante da comissão e titular da Prelazia de São Félix do Araguaia, é levado a efeito através do Conselho Indigenista Missionário, garantindo já as presenças, nesse primeiro encontro, de antropólogos, pesquisadores, estudiosos, religiosos, parlamentares e jornalistas.

Em relação ao encontro, estão sendo convocados "todos os que não pactuam com o lento genocídio do Povo Karajá; todos os que reconhecem o direito dos sertanejos moradores da ilha a um pedaço de terra para sobreviver; e todos os que ainda não perderam a sensibilidade humana e são capazes de se indignar com a devastação da Amazônia". Além de Dom Pedro Casaldáliga, deverão participar desta primeira reunião, Dom Thomás Balduino, bispo de Goiás, antropólogo Olimpio Serra, ex-diretor do Parque Nacional do Xingu, e Pedro Tierra, do Conselho Indigenista Missionário, entidade ligada à Confederação Nacional dos Bispos do Brasil.

PROPOSIÇÕES

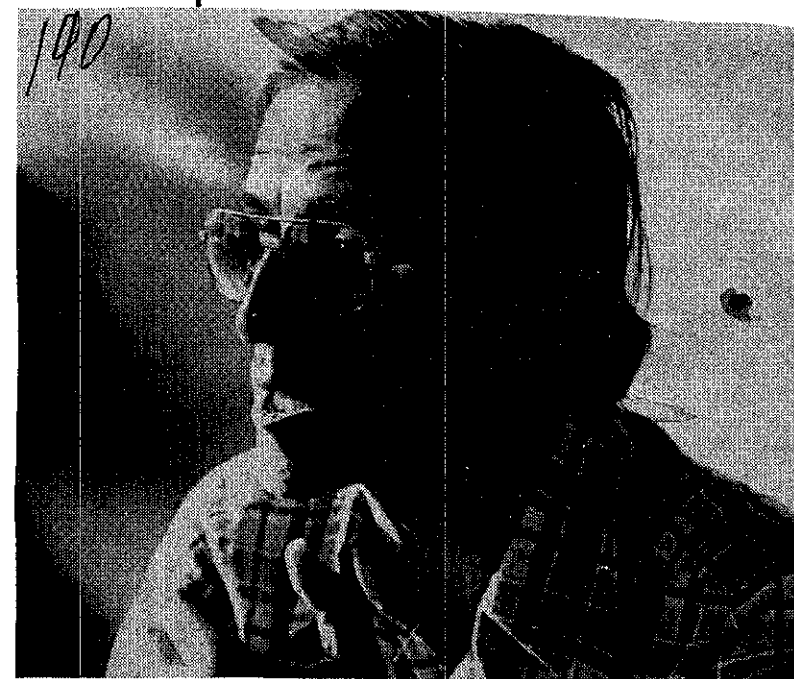
A reunião de hoje, segundo Dom Pedro Casaldáliga, visa despertar a consciência nacional para a necessidade de ser respeitado o direito do índio à toda a extensão da ilha e a cessão de terras, fora da ilha, para os sertanejos que atualmente ali habitam. Justificam-se estas proposições, tendo em vista que a Ilha do Bananal, dantes o maior centro ecológico do Brasil Central, hoje está transformada numa imensa capoeira, com a fauna e a flora em adiantado processo de extinção, não havendo condições para a convivência em comum dos dois grupos ameaçados em seu território. Ao atual e grande peso populacional, acrescenta-se o fato da passagem de mais de 150 mil cabeças de gado, anualmente, dos grandes fazendeiros de regiões vizinhas, além do que é criado pelos próprios sertanejos, provocando incrível devastação nas áreas atingidas por esses processos, que perduram há quase 15 anos. Há ainda, paralelamente a isto, a ameaça das enchentes, cada vez em maiores proporções, devido ao constante processo de desmatamento praticado, favorecendo a entrada das águas. E, como se não bastasse, existem ainda os grandes projetos agropecuários, que utilizam o sistema de irrigação, com as águas convergindo para a ilha, além das barragens cons-

truídas para a abertura de grandes estradas.

O sertanejo, que não tem o mesmo ritmo de vida do índio, que caça e pesca para a sobrevivência, promove a derubada de matas para suas lavouras e núcleos residenciais, aumentando a área a descoberto, sem a mínima proteção contra as periódicas invasões das águas, ameaçando a integridade física do território. Mas, segundo Casaldáliga, a grande ameaça mesmo é relacionada com a construção de uma das denunciadas rodovias, desde a Belém Brasília até a frente da ilha, nas imediações do povoado de São João do Javaé. Esta estrada, que provisoriamente se interrompe ali, destina-se, ao que tudo indica, a cortar a ilha lado a lado, para beneficiar grandes fazendeiros e projetos latifundiários.

Preocupa-se a Comissão "Ilha do Bananal" com a situação do índio, também no que se refere à presença do turismo (fala-se na reabertura do Hotel JK), tendo em vista que esse processo apressará a sua destruição. O turista geralmente converte o índio num depredador, além de semear o vício e a prostituição entre sua gente. Nos dois últimos anos há notícias de que pelo menos dez índios morreram afogados, o que seria - segundo Casaldáliga - uma enorme contradição, visto que índio nada igual a peixe. O que se constatou posteriormente é que as vítimas, nessas ocasiões trágicas, estavam embriagadas. A Fundação Nacional do Índio, por outro lado, no caso dos impostos cobrados aos sertanejos, salienta que esse dinheiro é para ser revertido em benefício dos indígenas. Estes, todavia, dizem que nunca viram um níquel sequer das grandes somas arrecadadas. Em vista disso, segundo membros do Cimi, o que a Funai deseja é provocar indiretamente a expulsão dos sertanejos da ilha, sem lhes dar direito a nada. Esse desejo se configura na elevação constante das taxas, tirando do sertanejo qualquer possibilidade de pagamento, por falta absoluta de recursos. E o chamado golpe fatal configurado pelo pagamento obrigatório de 10 cruzeiros por metro de arame estendido, 20 cruzeiros por metro quadrado de área construída e 480 cruzeiros por cabeça de gado criada.

Finalizando sua entrevista, Dom Pedro Casaldáliga disse esperar que essa nova campanha não seja tomada como subversiva, como aconteceu em movimentos anteriores. Seria um contrassenso - salientou - pois visa salvar índios, pássaros, animais e sertanejos que estão na iminência de ficar sem terras onde possam trabalhar pela subsistência de suas famílias. A consciência nacional exige uma solução que responda com justiça aos direitos dos índios e sertanejos da ilha.



Casaldáliga: quer despertar a consciência nacional.